

A comunicação como processo de interação verbal e produção de sentidos¹

Roseli Fígaro²
Universidade de São Paulo, SP

Resumo:

Neste artigo temos por objetivo discutir como a comunicação – processo de interação intersubjetivo – norteia a linguagem verbal e o discurso na produção de efeitos de sentidos. Para essa discussão, partimos do pressuposto de que a comunicação verbal é um tipo específico de comunicação e constitui-se das possibilidades dos sistemas sensíveis do ser humano em perceber, identificar, conceituar. Para cumprir esse objetivo, escolhemos três temas: a relação linguagem/pensamento; a função de comunicação da linguagem verbal; a linguagem verbal, o discurso e os efeitos de sentido no processo de circulação. Na conclusão, afirmamos que uma reflexão epistemológica sobre o campo da comunicação não pode prescindir das contribuições dos estudos da linguagem verbal, sobretudo, da concepção que entende comunicação e linguagem como fundamentos do movimento dialético da práxis social.

Palavras-chave: comunicação, linguagem verbal, produção de sentidos, circulação

Introdução

Temos por objetivo discutir como a comunicação – processo de interação intersubjetivo – norteia a linguagem verbal e o discurso como processo de produção de efeitos de sentidos. A discussão se coloca para o campo da comunicação à medida que nos permite diferenciar essa abordagem de correntes teóricas que priorizam conceituar a linguagem como código a ser decodificado, estrutura capaz de transparência e cujos sentidos estão cristalizados nas palavras. Na mesma acepção, essa abordagem pressupõe não limitar o campo da comunicação ao estudo das mídias; nem mesmo restringir as mídias

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias da Comunicação, XIV Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Foz do Iguaçu (PR), 2 a 5 de setembro de 2014.

² Professora Livre-Docente do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo (USP), Coordenadora do Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho (CPCT ECA/USP) e pesquisadora do Observatório de Comunicação e Censura (OBCOM ECA/USP).
E-mail: figaro@uol.com.br

a canal de transporte. Não é esse o nosso pressuposto teórico. A comunicação é muito mais complexa.

Para essa discussão, iniciamos pelo princípio de que a atividade de comunicação é fundante do ser humano, intrinsecamente ligada ao processo de hominização. A comunicação verbal é um tipo específico de comunicação e dá base conceitual para as demais linguagens na produção de efeitos de sentido. A linguagem verbal constitui-se das possibilidades comunicacionais dos sistemas sensíveis do ser humano, os quais nos proporcionam perceber, diferenciar e selecionar bem como ter noção de espaço e de tempo necessários à vida em sociedade. Os órgãos dos sentidos humanos estão lastreados em uma cultura e em um universo social nos quais se desenvolvem os laços de sociabilidade. Ou seja, o sistema de comunicação, materializado na linguagem verbal, constitui-se no processo da atividade humana.

Para empreender essa discussão, destacamos os seguintes eixos de orientação: a relação linguagem/pensamento; a função de comunicação da linguagem verbal; a linguagem verbal, o discurso e os efeitos de sentido no processo de circulação. Esses pontos serão discutidos, embora limitados pelo escopo deste artigo.



Bruno Schleinstein, no papel de Kaspar Hauser, no filme de Werner Herzog, O enigma de Kaspar Hauser.

A relação linguagem/pensamento

Apreciem a foto³ do personagem Kaspar Hauser. Observem o olho dele. É um olhar incógnito, surpreso, estupefato, um olhar de susto. Como representar o nada? Como mostrar-se fora da cultura? Parece ser essa a intenção de Werner Herzog. Esta também é a cena de minha preferência no filme *O Enigma de Kaspar Hauser* (1974). Expliquemos: O jovem Kaspar é deixado, pelo seu “tutor”, na praça de Nuremberg, com um bilhete na mão. O olhar esbugalhado de quem acaba de deixar uma torre escura, onde viveu por longos anos sem o contato com a sociedade, é a melhor metáfora para exemplificar o que seríamos ‘fora’ do processo de socialização.

Com o olho a saltar das faces e com todos os poros de seu corpo abertos e tensionados pela avalanche de informações recebidas: um fluxo ininterrupto de cores, sons, luzes, imagens que escapam à sua compreensão, o jovem não sabia o que estava acontecendo. O estado de paralisia revela que ele não consegue entender os estímulos recebidos bem como organizá-los como um sistema de significação. Ele não consegue pensar. Não tem o pensamento ‘conceptual’ conforme discute Adam Schaf, em *Linguagem e conhecimento* (1976) ou como nos explica Vygotski, em *Linguagem e Pensamento* (2005), isto é, o mundo da experiência precisa ser generalizado para ser transformado em signos. A comunicação humana precisa de uma atitude generalizante para tornar-se elemento conceitual e significado. Segundo Vygotski (2005), o pensamento verbal tem a sua unidade no primado do significado da palavra.

Aquela cena é para mim a síntese do vazio e do turbilhão simultâneos aos quais Kaspar Hauser fora abandonado pela sociedade. Um ser que não pode dizer *eu*, porque está fora das relações sociais. E é esse o movimento da palavra. Na dupla mão de instituição social, corolário da história e da cultura, e de manifestação particular da vida de cada indivíduo. A linguagem nos faz humanos e nos lega a condição de sermos indivíduos/sociais agentes pacientes da história.

³ A fotografia é um signo e como tal tem sua própria gramática. Como parte da cultura, ela significa porque é produto das relações sociais históricas, ancoradas no desenvolvimento do psiquismo humano e no conhecimento conceitual. Andrade afirma: “A fotografia, enquanto componente desta intrincada rede de significações, revela, através da produção da imagem, uma pista. A imagem considerada como fruto de trabalho humano, pauta-se sobre códigos convencionais socialmente, possuindo, sem dúvida, um caráter conotativo que remete às formas de ser e agir do contexto, no qual estão inseridas como mensagem. Entretanto, essa relação não é automática, pois entre o sujeito que olha e a imagem que elabora, ‘existe muito mais que os olhos podem ver.’” (1990:11)

Nessa acepção teórica, o jovem Kaspar Hauser não dispunha do material semiótico necessário para o pensamento verbal. No dizer de Leontiev, em *O desenvolvimento do psiquismo* (2004), a produção da linguagem, da consciência e do pensamento está intrinsecamente ligada à atividade de produção da vida em sociedade, ela resulta da comunicação material dos homens.

Também provocado pelo mote de Wener Herzog, Izidoro Blikstein (1990) afirma sua tese de relação entre signo e referente no processo de significação do mundo. Polêmica clássica no campo dos estudos da linguagem e da linguística, a produção de sentido para Blikstein, corroborando com Adam Schaff (1976), passa pela percepção, cognição e pela práxis social. Na percepção vão sendo formatadas as correntes valorativas que nos permitem, pela cognição, fazer relações, selecionar, combinar, hierarquizar; processo esse base da formação dos estereótipos e da comunicação. À Kaspar Hauser, no dizer de Blikstein, faltou a prática social. Ele não possuía as bases valorativas que nos permitem proceder à *fabricação* dos significados.

A mesma explicação para a situação de Kaspar Hauser, podemos encontrar em Adam Schaff quando este ressalta que: “a linguagem foi socialmente modelada a partir de uma determinada práxis social” (1976). A práxis social faz do sujeito um ser de comunicação. É um processo que se retroalimenta, numa dinâmica que se explica na ontogênese e na filogênese humana. Dessa discussão, temos para Adam Schaff a relação linguagem/pensamento/conhecimento, e aqui conhecimento como processo de apropriação “conceptual” da realidade. Em Vygotski (2005), a relação linguagem e pensamento é trabalhada no aspecto da especificidade de cada termo e na relação necessária entre eles como traço distintivo do humano.

A cena de Kaspar Hauser na praça de Nuremberg também poderia ilustrar determinada interpretação do clássico *Curso de linguística geral* ([1916]2011), de Ferdinand de Saussure. No período em que viveu o mestre genebrino, estávamos no auge do positivismo científico, a língua é tomada como objeto de estudo desvinculado de seu uso cotidiano pelo sujeito. Um fenômeno social total, instituição estudada como sistema arbitrário de signos que se caracteriza por dualidades: língua/fala; significado/significante; seleção/combinção (paradigma/sintagma), sincronia/diacronia.

Saussure ressalta a *dualidade* como aspecto metodológico de sua busca por definir e operar um conjunto de características que podem levá-lo a criar uma nova ciência. O fundamental, ele afirma: “a língua é social ou não existe”(Saussure, 2004) e de fato, não

existiria, porque também não existiria o próprio indivíduo que fala a língua. Então, identificam-se dois tipos de crítica a Saussure: primeira, uma separação irreduzível entre social e individual (língua *versus* fala, uma não interferindo na outra), parece não ser esse o caso. Saussure admite mesmo o potencial de vontade expressa na fala do indivíduo. Essa distinção, se irreduzível, levaria para, além das (*duas*) *linguísticas*, a incompreensão; visto o indivíduo (de vontade) ser entendido como apartado do social. A segunda crítica pode ser estendida ao caráter social da língua. Ou seja, negar seu aspecto de norma, de prescrição da vida em sociedade, negá-la como cristalização dos hábitos, produto e produtora de cultura. E, nesse sentido, só tomada como fator de produção e expressão de subjetividades, do particular, daí talvez derivem as tendências que afirmem sobre a impossibilidade de comunicação. Terminantemente, não é o caso de Saussure.

As dualidades saussurianas se negadas precisam ser muito bem fundamentadas para que não se caia em vertentes que impossibilitam entender a dinâmica da linguagem e sua particularidade e pertinência de caráter distintivo do humano. Isto é, a crítica que se faz às dualidades não pode negar que, o psiquismo humano é fruto do desenvolvimento da atividade concreta para a vida, na perspectiva histórica das relações sociais, e que a linguagem é parte dessa especificidade psíquica.

Nesse sentido, para Ecaterina Bulea (2010) deve-se operar com as dualidades, ressaltadas por Saussure, como aspectos metodológicos, para entendê-las e tratá-las dialeticamente, ou seja, ao mesmo tempo particular e social; sincrônico e diacrônico, forma e expressão, seleção e combinação, arbitrariedade e motivação. Essa compreensão é o que permite avançar no estudo da linguagem como atividade de comunicação.

Dessa forma, um conjunto de novas questões aparece como problemas a serem estudados a partir da linguagem. Para Fausto Neto,

“A não linearidade e a indeterminação afastam a produção de sentidos de uma zona de equilíbrio, porque o trabalho da linguagem vai além de frases feitas e de uma ação que julga poder apreendê-la para poder colocá-la a serviço de uma intencionalidade.” (2013:45)

Comunicação e Linguagem

Nessa discussão, é preciso reafirmar que a linguagem verbal não é uma ferramenta. Ela não é um sistema que funciona para expressar, para o exterior, um pensamento interior. Muito ao contrário. A linguagem verbal está ligada, desde a nossa origem, à produção da

vida em sociedade, à “comunicação material dos homens” (Leontiev, 2004), à relação intersubjetiva que dá origem à subjetividade.

Faraco (2010, p. 4-5) também aponta as convergências e coincidências entre diferentes pensadores, inclusive de matrizes teóricas divergentes, sobre a interação intersubjetiva como aquela marcada pelo contexto exterior ao indivíduo. Assinala tal convergência, quanto a esse aspecto, entre Mead, Lev Vygotski e Mikhail Bakhtin/Volochinov. Destaca o autor que, para Vygotski, na teoria da cognição humana, esta “é vista como uma atividade que se dá primeiro na interação e é internalizada, trazendo para o interior o movimento do exterior”. Segundo ele, entre Mead e Vygotski, embora por diferentes caminhos, temos o mesmo ponto de chegada, tratando ambos a constituição do ser individual como um processo do exterior ao interior ou, dito de forma mais adequada, do social para o individual/particular.

Assim sendo, a palavra *etiqueta* (pronta e acabada) e a palavra *saneadora* (do que se costuma denominar ‘politicamente correto’) são inapropriadas; seus defensores desconhecem que a palavra tem, como uma de suas características, a plasticidade de significar em funcionamento (Orlandi, 1987), ou seja, na comunicação; e assim revelar-se como signo ideológico (Bakhtin/Voloshinov, 1988). A palavra não está isolada, guardada e protegida. A palavra só ganha forma e conteúdo quando enunciada e como tal circula, entra na corrente dos discursos onde os efeitos de sentido acontecem.

Eni Orlandi (2007) trata desse aspecto para identificar a filiação teórica dos estudos do discurso. Se a linguística se afirma na não-transparência da linguagem, ela também tem seu objeto próprio para estudo – a língua, o qual tem sua própria ordem. Esse aspecto é relevante, pois a produção de sentido se dá desse encontro da vida com a língua, ou seja, a materialidade está nesse encontro, e só dele e por ele se constroem os sentidos.

Dito de outra forma, qualquer “texto só é possível de ser abordado e compreendido como discurso, ou seja, no contexto de uso, em diálogo com a corrente de discursos à qual pertence.”(Figaro,2012:14) Como afirma Brandão, discurso é “efeito de sentido construído no processo de interlocução” (1991:89).

Portanto, a língua não é só um código. Na discursividade, ou seja, na comunicação – processo de interação intersubjetivo situado na historicidade dos discursos – se entende que não há separação entre emissor e receptor, nem tampouco há uma sequenciação entre eles, um fala e o outro decodifica (Orlandi, 2007). Os sujeitos em interação estão realizando ao mesmo tempo o processo de significação. Assim sendo, e voltando à metáfora de Kaspar

Hauser, podemos entender porque o esforço da comunidade de Nuremberg em “educar” Kaspar Hauser parecia inútil. As ‘palavras etiquetas’ que lhe entregavam seus tutores nada podiam significar para ele, não haviam passado pelo processo da práxis.

Linguagem arena das disputas sociais

A interpretação que damos para a cena de Kaspar Hauser colabora para ilustrar como os estudos da linguagem ajudam a reflexão epistemológica sobre o conceito de comunicação. Os sentidos se fabricam no processo intersubjetivo, situado no micro e macro social, no contexto das relações sociais, áreas de tensão e conflito; é na circulação que os efeitos de sentido se constroem.

Se a comunicação efetiva-se no processo de interação do *eu* com o *outro* no contexto do vivido e da herança cultural de uma comunidade; e se a palavra significa no processo de elaboração do enunciado, ou seja, do texto nos contextos social e histórico dos coenunciadores; então, podemos inferir que a comunicação e a linguagem não podem prescindir desse movimento dialético capaz de nos revelar a sociedade.

As estratégias composicionais dos enunciados inerentes ao lugar de fala dos sujeitos – estilos, conjunto de valores e interações sociais – permitem-nos, do ponto de vista analítico, acompanhar o movimento/circulação da palavra na produção de efeitos de sentidos. Conforme Bakhtin, em *Estética da criação verbal* (1992), podemos entender esse movimento/circulação da palavra ao identificarmos as peculiaridades básicas da existência dos gêneros dos discursos. Bakhtin propõe a definição de gêneros primários (simples, comunicação verbal espontânea) e secundários (comunicação cultural mais complexa, sobretudo escrita, artística, científica etc.) Isso quer dizer que o movimento/circulação da palavra de um enunciado ao outro, de um gênero do discurso ao outro enfrenta as normas, combate com os estilos, digladiada com os pontos de vista e com a cultura do grupo social e/ou da instituição. A palavra no discurso carrega consigo as estratégias – de dissimulação, camuflagem, máscara, desvelamento, polêmica, crítica – do que se enuncia em situações concretas de comunicação.

Assim, Kaspar Hauser, por estar fora da cultura da sociedade que o recebeu, era um corpo estranho, em si contestador, porque nenhuma das normas sociais explicava sua existência. Só o seu desaparecimento poderia trazer de volta a ‘ordem’.

A comunicação, portanto, não pode prescindir das noções de inter-relação, processo e circulação. O conceito de discurso, como já afirmamos, conta com essas noções. Todos os discursos. Também textos sincréticos – como as linguagens audiovisuais, como o filme de Werzog – são discursos que significam no processo de comunicação como quaisquer outros. Ressaltar o movimento de circulação demanda compreender que esse processo não é de transporte linear, é de mudança qualitativa da situação de produção de efeitos de sentido.

Du Gay, Stuart Hall *et al.* (1997) tratam da circulação como aspecto relevante para se compreender as mudanças sociais bem como tomar a cultura como elemento fundamental para o estudo dessas mudanças. A circulação é compreendida pelos autores como categoria para se estudar o circuito da cultura, pelo qual se movimentam e se constroem a produção, o consumo, a regulação, a representação, a identidade; não exatamente nesta ordem e sim numa ‘desordem’ dada pelo movimento real de circulação no processo comunicacional o qual constrói ‘ordens’ emanadas dessa lógica de circulação.

Para dar mais um exemplo de circulação como movimento dialético do discurso na *arena das lutas sociais*, recorreremos à *palavra* no mundo do trabalho e assim acrescentamos à circulação a noção ampliada de dispositivos comunicacionais, reportando-nos à Dominique Maingueneau (2001). Trata-se de acompanharmos os efeitos de sentido na circulação do discurso no ambiente fabril. Tomemos duas palavras: *gambiarra* e *inovação*. Elas estão presentes no dia a dia do mundo do trabalho e, de maneira inusitada, têm sido empregadas como sinônimos, mas resguardando os devidos lugares de fala – identidade e poder – de cada enunciador na corrente do discurso.

Gambiarra é palavra corriqueira entre aqueles que estão enfrentando o desafio da atividade de trabalho. Realizar algo exige deparar-se com o inédito que a norma não prevê. Muitas vezes resolver um problema, escapando da norma, pode ser denominado como uma solução *gambiarra*. Essa palavra, segundo o dicionário Houaiss, significa uma extensão elétrica que pode levar luz a pontos diferentes, também pode significar uma extensão elétrica puxada irregularmente, um *gato*. Daí vem o sema de precário, improviso, fora das normas.

Assim transcorreu na atividade de trabalho de um operador gráfico (Picciarelli, Jr., 2009) que, ao relatar ao pesquisador como resolveu os problemas concretos que enfrentava para imprimir os cadernos das revistas da empresa onde trabalha, nomeou a solução criada por ele de *gambiarra*. Como a criatividade do operador para solucionar o problema foi

considerada positiva pelo chefe e a mesma demonstrou coerência em relação às expectativas da empresa quanto às metas de produção e produtividade, quando o relato foi realizado pelo chefe ao gerente, a solução encontrada pelo trabalhador gráfico ganhou nome adequado a circular em outros meios: passou à *inovação*. No Houaiss, *inovação* significa aquilo que é novo, novidade e também significa mudança linguística!

A transição de *gambiarra* para *inovação* fez a atividade de trabalho do operário gráfico circular do mundo da palavra do chão de fábrica para o mundo da palavra da administração da empresa, realizando assim a passagem de uma ideologia à outra, ligando-se – como *inovação* – à corrente dos discursos da ideologia de racionalização do trabalho: qualidade, competitividade, polivalência e flexibilização⁴. O lugar na produção (da palavra e da vida) não mudou para o operário, também não mudou para o gerente, mas as palavras *gambiarra* e *inovação* travam na arena da luta de classes os sentidos do trabalho realizado. *Gambiarra*, quando enunciada a partir das prescrições de qualidade e produtividade, estabelecidas pela direção da empresa, muda de sentido: deixa de ser improvisado, jeitinho, manobra, para ganhar outro sema: novo, criativo, ágil, inteligente: *inovação*.

Os dispositivos comunicacionais que atuam no chão de fábrica se reconfiguram quando o discurso transita para o âmbito da administração. Lá, no lugar do gerente, do planejamento e da racionalização dos processos produtivos, os dispositivos são outros, o lugar de fala é outro. O gênero do discurso é outro. O discurso do trabalhador, no cotidiano de enfrentamento da atividade concreta, pertence, segundo Bakhtin (1992), ao gênero primário. No entanto, quando esse enunciado atravessa a barreira de classe e entra em outra corrente de discursos, agora das normas e da autoridade da empresa, aquele discurso do trabalhador já não pode ser denominado de *gambiarra*; ganha o status de *inovação*.

Gambiarra enunciada pelo gráfico, no chão de fábrica, pertence a um mundo não reconhecido como produtor de conhecimento. Nesse movimento, que fez circular a criação do trabalhador, não foi só o produto do trabalho que mudou de nome, também o trabalhador perdeu a posse de seu saber. Esse movimento da palavra no discurso é, também, o movimento das forças políticas em busca de hegemonia. É esse conflito que a comunicação é capaz de revelar.

⁴ Trata-se das categorias que compõem as lógicas do método de racionalidade toyotista de organização dos processos de trabalho. C.f. ANTUNES, R. *Os sentidos do trabalho*. São Paulo: Boitempo, 2002.

Para escapar das armadilhas que submetem a comunicação aos parâmetros da eficiência, da eficácia e da racionalidade, afirmamos que ela é atividade intersubjetiva, situada na corrente dos discursos. É histórica e carrega os valores de uma comunidade e revela conflitos. Nessa mesma direção, a palavra não está guardada no quarto escuro das prescrições. A palavra (e assim todos os sistemas de signos) existe(m) e significa(m) no movimento real da comunicação.

No filme de Herzog, a impossibilidade de os valores dominantes da cultura da época adquirirem sentido para Kaspar Hauser torna-o um ente transgressor, perigoso, simplesmente por existir. Também a palavra *gambiarra*, ao circular do chão de fábrica para a administração, entrou num novo terreno ideológico, onde operam outros elementos dos dispositivos comunicacionais e cujas interações estão circunscritas a esse território, obrigando a mudança de vocabulário.

Considerações finais

Nosso objetivo neste artigo foi o de contribuir para que se compreenda a relevância da comunicação como processo sócio-histórico de interação intersubjetiva que norteia a linguagem verbal e o discurso no processo de produção de efeitos de sentidos. Para empreender esta tarefa, dividimos a discussão em três pontos: linguagem-pensamento; a função de comunicação da linguagem verbal; a linguagem verbal, o discurso e os efeitos de sentido no processo de circulação.

A relação linguagem-pensamento foi discutida com os aportes teóricos de Lev Vygostki e Adam Schaff. Para eles a comunicação humana precisa de uma atitude generalizante para tornar-se elemento conceitual e significado. Vygotski explica que o significado da palavra é a unidade de pensamento e linguagem. Tal como estudar a molécula da água, pois seria impossível conhecê-la pela particularidade dos elementos que a compõem – hidrogênio e oxigênio – separadamente. Por isso, é a unidade *molécula* que nos permite a água. Assim é com a relação pensamento-linguagem: o significado da palavra é a unidade produto histórico da atividade humana de comunicação.

Assim, a linguagem verbal é produto da atividade humana de comunicação. Como nos explica Leontiev, a comunicação material entre os homens, necessária ao processo de construção de comunidade e de sociedade, ao qual está ligada a linguagem verbal, dá origem à subjetividade. Ou seja, é a dialética entre o social e o individual que possibilita o sujeito da comunicação.

Os exemplos tomados do filme de Werner Herzog, *O enigma de Kaspar Hauser*, e do cotidiano de um trabalhador gráfico, na disputa por nomear o produto de seu trabalho (*gambiarra - inovação*), ilustram como os estudos da linguagem ajudam a reflexão epistemológica sobre o conceito de comunicação. Os sentidos se fabricam no processo intersubjetivo, na comunicação material entre os homens, nas relações sociais, na circulação que enfrenta áreas de tensão e de conflito.

Portanto, uma reflexão epistemológica sobre o campo da comunicação não pode prescindir das contribuições dos estudos da linguagem verbal, sobretudo, da concepção que entende comunicação e linguagem como fundamentos do movimento dialético da práxis social.

Referências

- ANDRADE, Ana Maria Mauad de S. *Sob o signo da imagem. A Produção da Fotografia e o Controle dos Códigos de representação Social da Classe Dominante, no Rio de Janeiro, na Primeira Metade do Século XX*. Niterói, Universidade Federal Fluminense, 1990. Dissertação de mestrado. Disponível em: <http://www.labhoi.uff.br/sites/default/files/dssam.pdf> Acesso: 07/07/2014.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- _____. (Volochinov). *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1988.
- BLIKSTEIN, Izidoro. *Kaspar Hauser ou a fabricação da realidade*. São Paulo: Cultrix, 1990.
- BRAGA, José Luiz et. al. *10 Perguntas para a produção de conhecimento em comunicação*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2013.
- BRANDÃO, Helena N. *Introdução à Análise do Discurso*. Campinas: EdUnicamp, 1991.
- BULEA, Ecatarina. Nuevas lecturas de Saussure. In: RIESTRA, Dora (comp.) *Saussure, Voloshinov y Bajin revisitados*. Estudios históricos y epistemológicos. Buenos Aires: Miño y Dávila, 2010.
- DU GAY, Paul et. al. *Doing cultural studies. The story of the Sony walkman*. London: Sage/Open University, 1997.
- FARACO, Antonio A. *Interação e linguagem: balanço e perspectivas*. In: CONGRESSO INTERNACIONAL “LINGUAGEM E INTERAÇÃO”, São Leopoldo, Unisinos, 2005. Disponível em: [www.pucsp.br/isd/artigos/Interação_e_Linguagem_Faraco.pdf](http://www.pucsp.br/isd/artigos/Intera%C3%A7%C3%A3o_e_Linguagem_Faraco.pdf). Acesso em: 08 fev. 2010.
- FAUSTO NETO, Antonio. Como as linguagens afetam e são afetadas na circulação? In: BRAGA, José Luiz et. al. *10 Perguntas para a produção de conhecimento em comunicação*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2013.

FIGARO, Roseli (org.). *Comunicação e Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto, 2012.

HERZOG, Werner. *O Enigma de Kaspar Hauser*. Alemanha, 110min. colorido, 1974.

LEONTIEV, A. *O desenvolvimento do psiquismo*. São Paulo: Centauro, 2004.

MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: Cortez, 2001.

ORLANDI, Eni P. *A linguagem em funcionamento*. As formas do discurso. 2.ed. Campinas: Pontes, 1987.

_____. *Análise do discurso: princípios e procedimentos*. 7. ed. Campinas: Pontes, 2007.

PICCIARELLI Jr., Sérgio. *As relações de comunicação no processo de produção na gráfica Abril: inovações, criatividade e reconhecimento do uso de si na atividade de comunicação e de trabalho*. São Paulo, Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação da USP. Mestrado. 2009. Orientadora: Roseli Fígaro.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. 33.ed. São Paulo: Cultrix, 2011.

_____. *Escritos sobre lingüística general*. (Edición: Bouquet, Simon y Engler, Rudolf) Barcelona: Gedisa, 2004.

SCHAFF, Adam. *Linguagem e conhecimento*. Coimbra: Almedina, 1976.

VIGOTSKI, L.S. *Pensamento e linguagem*. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.